



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
ÁREA: COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Fanzine Radical News:
Uma Análise do Discurso

CLARA CARVALHO
RA Nº 20742421

PROF (a). ORIENTADOR (a):
Magda Lúcio

Novembro 2009

CLARA CARVALHO

Análise do Discurso do *Fanzine Radical News*

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof(a). Orientador(a): Magda Lúcio

Banca examinadora

Prof(a). Magda Lúcio
Orientador(a)

Prof(a). Cláudia Busato
Orientador(a)

Prof(a). Severino Francisco
Orientador(a)

Brasília/DF, novembro de 2009

RESUMO

Este trabalho realiza uma análise do discurso do *Fanzine Radical News*, uma publicação da Associação Sociocultural *Radicais Livres*, sediada em São Sebastião, cidade do Distrito Federal. O *Fanzine* se propõe proporcionar aos moradores da cidade novas oportunidades por meio da disseminação de expressões culturais. O grupo surgiu em meados de 2003, quando moradores perceberam na falta de opções culturais na cidade uma oportunidade para criar o *Sauradical*, um evento realizado mensalmente, que abre espaço e dá voz aos artistas, músicos e poetas locais.

O objetivo principal desta pesquisa é mostrar que existem oportunidades e realidades na periferia diferentes das conhecidas pela mídia convencional. Os eventos são produzidos e divulgados por uma juventude engajada em assuntos políticos e sociais.

Palavras chaves: Comunicação Comunitária, Juventude, Fanzine .

SUMÁRIO

Introdução	6
Capítulo I	
Juventude – Em busca de uma definição	9
CAPÍTULO II	
Comunicação comunitária.....	15
Comunicação popular e comunitária – diferenças e convergências	17
Comunicação comunitária e a comunidade	18
Capítulo III	
Análise do discurso	20
Capítulo IV	
Análise do fanzine Radical News	23
Radical News	24
Análise do material empírico	
A escolha do nome “Radicais Livres”	27
O Macaco que pensa (logomarca)	29
Considerações finais	36
Referências	42

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ruy Alcides de Carvalho Neto e Maria Beatriz Maury de Carvalho, meus verdadeiros mestres, guias e conselheiros. Responsáveis por minhas conquistas e pela realização de um grande sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, primeiramente. Ele é que guia a minha história e as minhas escolhas. À mestre Magda Lúcio, pelo apoio e carinho. E aos Radicais Livres Sociedade Anônima, especialmente, Devana Babu, Luís Próton e Cristiano Silva, que viabilizaram a realização desta pesquisa.

INTRODUÇÃO

São trinta minutos da rodoviária localizada no centro de Brasília até a região administrativa de São Sebastião. Fisicamente essa distância pode ser considerada curta. No entanto, o abismo que separa o Plano Piloto de São Sebastião não é apenas a imponente arquitetura da Ponte JK, mas, a desigualdade social, que afasta os moradores da cidade daqueles que vivem no Plano.

São Sebastião é uma das cidades mais pobres do Distrito Federal. Porém, mesmo apresentando problemas, como ausência de saneamento básico, inclusão digital e informação, a falta de oportunidades não parece um empecilho para algumas pessoas, mas sim como fator determinante para o surgimento de um tipo de cultura, que, ao mesmo tempo denuncia as mazelas do local e garante que nas ruas de São Sebastião, também haja lazer, e o mais importante, pessoas que buscam na cultura uma maneira melhor de viver. Foi em busca de melhoria da qualidade de vida que, há cerca de seis anos, um grupo de moradores de São Sebastião resolveu diminuir o tamanho do abismo social e mostrar aos vizinhos uma nova visão do que pode ser arte.

Sob o lema da “arte como caminho”, os amigos criaram **Os Radicais Livres - Sociedade Anônima**, um grupo de poetas que pretende apresentar São Sebastião à Brasília. Os Radicais resolveram criar o SARAURADICAL, uma vitrine para artistas locais que se apresentam uma vez por mês na cidade. O sarau é um lugar aberto para música, teatro e poesia e abre espaço também para artistas de outras localidades do Distrito Federal.

Os poetas radicais trabalham com as sete artes: música, dança, teatro, pintura, escultura, literatura e cinema. O nome *Radicais Livres* surgiu do apelo pela liberdade de expressão. A intenção do grupo é divulgar sua necessidade de se comunicar. Sem seguir regras convencionais, os Radicais buscam falar por São Sebastião.

O movimento *Radicais Livres* tem um papel fundamental na comunidade onde está inserido. Ele serve como alicerce para a construção do caráter de alguns indivíduos daquela cidade. O movimento transmite valores essenciais e transformam o cotidiano dos moradores, que passaram a desenvolver um senso artístico e crítico a partir da intervenção do grupo.

Como objeto de estudo, os *Radicais Livres* surgiu quando a pesquisadora estava no 6º semestre do Curso de Jornalismo na disciplina Jornal Laboratório,

Esquina. O tema chamou a atenção pelo fato de o movimento utilizar-se de ações culturais, como shows, saraus, música, poesia, teatro e outras artes, e também possuir um veículo de comunicação como o *fanzine*.

Entre tantos projetos produzidos pelos *Radicais Livres* – Sociedade Anônima destaca-se o *fanzine Radical News* (objeto desta pesquisa) produzido pelos integrantes do grupo, que expõe as criações poéticas e jornalísticas dos jovens da cidade. A questão norteadora da pesquisa é perceber de que maneira os jovens de São Sebastião retratam a realidade local por meio do *fanzine* e do movimento *Radicais Livres*.

O objetivo geral da investigação é analisar um veículo de comunicação provindo da periferia com o intuito de mostrar ao meio acadêmico a importância de da cultura produzida em comunidades desprovidas de recursos, além de mostrar a existência de grupos que a praticam como meio de transformação da realidade em que estão inseridos.

Os objetivos específicos da pesquisa foram investigar a influência do jornal no comportamento dos jovens na comunidade e focar o papel da disseminação da cultura dentro de comunidades carentes.

Esta pesquisa interessa em primeiro lugar aos moradores de São Sebastião que participam da *Associação Radicais Livres Sociedade Anônima* e levam a cultura àquela comunidade, que necessita de um olhar especial.

A pesquisa é de suma importância à sociedade, pois seu objetivo principal é divulgar uma análise da estrutura e da organização, além das iniciativas provindas da periferia. O projeto mostra também a existência de grupos que praticam a cultura como meio de transformação da realidade na qual estão inseridos. A música, arte, poesia e teatro são utilizados para cumprir um papel social responsável pela construção do caráter dos jovens daquela comunidade.

Esta monografia está dividida em quatro capítulos, sendo:

O primeiro capítulo denominado “Juventude - em busca de uma definição”, cujo objetivo é descrever o conjunto de teorias relacionadas a este tema para a realização do estudo em questão.

O segundo capítulo, denominado de “Comunicação Comunitária”, com o propósito de levantar a bibliografia relacionada para auxiliar a construção do texto.

O terceiro capítulo, com o nome de “Análise do Discurso”, definiu a metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho.

O quarto e último capítulo, constituído pela análise do discurso do *fanzine*, . E Traz os principais pontos analisados e as percepções desta análise.

CAPÍTULO I

Juventude – Em busca de uma definição

Um dos significados mais simplistas é de que a “juventude” é uma fase da vida, que se encontra entre a infância e idade adulta. Entretanto, sabemos que este período abrange muito mais conceitos e funções. Este é um período que pode ser conturbado e marcante tanto na vida do indivíduo como da sociedade. Dessa forma, podemos entender que a juventude é ao mesmo uma condição social e um tipo de representação. (PERALVA,1997 *apud* Dayrell, 2003)

Para Pais (1990), a juventude é um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase da vida, em que prevalece a busca por aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam esta fase, ou seja, aspectos que fazem parte de uma cultura juvenil específica, portanto, de uma geração definida em termos etários. Entretanto, a juventude é tomada também como um conjunto social necessariamente diversificado, dividindo-se em diferentes culturas juvenis, em função das diversas classes sociais, diferentes interesses e oportunidades de emprego.

As culturas juvenis são definidas como conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens compartilham. Estes elementos tanto podem ser *próprios* ou *inerentes* à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser *derivados* ou *assimilados*: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente *geracional* da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente *classista*). (PAIS, 1990, p 140)

Foi a partir do século XX que os sociólogos começaram um estudo mais profundo sobre os jovens, principalmente a partir da década de 1920 nos Estados Unidos com a Escola de Chicago, que surgiu na década de 1910 por iniciativa de sociólogos americanos e professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. A escola foi responsável por um estudo mais detalhado de fenômenos sociais que ocorriam nas grandes cidades, devido ao aumento populacional, decorrente da imigração para o centro e sul dos EUA. (BECKER, 1996)

No começo, os estudos da Escola de Chicago, voltados para a juventude, privilegiavam a análise das disfunções e anomia¹ para compreender condutas juvenis próximas da delinquência ou de crime desenvolvidas a maioria das vezes em torno de grupos denominados gangues. (SPOSITO, 1999)

Após a Segunda Guerra Mundial, novos paradigmas romperam com essa tradição e enfatizaram o potencial contestador e rebelde presente nos segmentos juvenis, o que deu origem a diversos estudos que examinaram, dentre outras, as modalidades de participação estudantil e suas práticas culturais. Dentre eles, os Estudos Culturais desenvolvidos em Birmingham, na década de 1960 – importante referência para a temática das subculturas juvenis. (SPOSITO, 1999)

O Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (Centre for Cultural Studies, CCCS, na sigla em inglês), foi fundado em 1964, com o intuito de romper com a disciplinaridade do mundo acadêmico, e tinha como foco inicial - que depois foi ampliado - os estudos dos valores e práticas da classe trabalhadora britânica (MATTELART, 2006).

Mattelart (2006, p.61) explica que o conceito de subcultura juvenil surgiu quando os pesquisadores da CCCS perceberam “as relações das gerações, das formas de identidades e de subculturas específicas que mobilizavam os jovens de meios populares”.

Múltiplos fatores trazem essa questão à ordem do dia. A transição para o urbanismo de grandes conjuntos mina os mecanismos de controle social que contribuía para a reprodução do grupo operário. A escolarização mais prolongada de parte dos jovens dos meios populares afeta seus referentes culturais, redefine o espaço dos possíveis no qual inscrever os seus projetos profissionais. (MATTELART, 2006, p.61)

Dessa forma, o desenvolvimento do conceito da *subcultura juvenil* foi uma resposta do CCSS à expressão cultural juvenil que se encontrava em voga em meados da década de 1970 (MATELLART, 2006, p.24).

Este estudo foi um dos que se mostraram mais produtivos e inventivos e o que mais, imediatamente, percebia as dinâmicas sociais. (MATTELART, 2006, p.62 *apud* HEBDIGE, 1979)

¹ Estado da sociedade em que desaparecem os padrões normativos de conduta e de crença e o indivíduo, em conflito íntimo, encontra dificuldade para conformar-se às contraditórias exigências das normas sociais (DICIONÁRIO HOUAIS, 2009)

Segundo Spósito (1999), no Brasil, os estudos sobre juventude começaram na década de 1960, a partir das pesquisas realizadas por Foracchi, em 1965 e 1972, sobre o movimento estudantil. Os trabalhos de Foracchi inspiraram centenas de pesquisadores, tanto da Educação como das Ciências Sociais

Inspirada em seus trabalhos, a produção acadêmica na área tanto na Educação como de Ciências Sociais, durante as décadas seguintes, tratou como menor frequência o tema, mas com pouco vigor teórico e inovação, ao tentar compreender as alterações dessas práticas nos períodos mais recentes, marcados por um gradativo enfraquecimento das formas tradicionais de mobilização e seu escasso poder de aglutinação de demandas e interesses do conjunto dos estudantes. (SPOSITO, 1999, p.79)

Fazendo um levantamento sobre os estudos acerca desta temática no Brasil, nas últimas décadas, a maior parte das reflexões no meio acadêmico se destina a discutir os temas e instituições na vida dos jovens. Pode se observar, que ainda é muito pequena a incidência de pesquisas dedicadas à investigação de como os jovens vivem e elaboram suas situações de vida. Apenas recentemente, este tema começou a ganhar certo volume de estudos relacionados à consideração dos próprios jovens e suas experiências (DAYRELL, CARRANO S/D, A *apud* ABRAMO, 1997, SPOSITO, 2002).

Se por um lado a preocupação com a juventude ocupa parte significativa dos noticiários, em grande medida no contexto de circunstâncias violentas, por outro as publicações acadêmicas ainda não refletem em volume e qualidade a demanda real de análise da vida juvenil em nossas cidades. Os jovens se constituem em um segmento populacional de grande importância, entretanto, suas necessidades, práticas coletivas e as políticas a eles destinadas ainda são pouco conhecidas. (DAYRELL, CARRANO S/D, A)

Histórica e socialmente, a juventude é vista como uma fase da vida marcada por instabilidades ligadas diretamente a problemas sociais.

Para Pais (1990, p.140):

Se os jovens não se esforçarem por contornar esses problemas, correm o risco de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados. Um adulto é responsável, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e provisão). (PAIS, 1990, p.141)

Então, a partir do momento em os jovens passam a adquirir essas responsabilidades, os indivíduos recebem gradativamente o *status* de adultos. Desta forma, um dos problemas que mais afeta a juventude – tornando-a assim o problema social - são na maioria das vezes, a dificuldade dos jovens na inserção no mercado de trabalho. (PAIS, 1990)

Dayrell (S/D, b, p.14) considera a juventude como uma construção histórica:

Diversos autores² já mostraram que a juventude aparece como uma categoria socialmente destacada nas sociedades industriais modernas, resultado de novas condições sociais, como as transformações na família, a generalização do trabalho assalariado e o surgimento de novas instituições, como a escola.

A partir deste processo, começou a se definir juventude como uma condição social, definida muito além dos critérios biológicos e de idade.

Considero a categoria juventude não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. (DAYRELL, S/D, b)

Os jovens que estão em contato com uma realidade vulnerável e de risco social têm a oportunidade de questionar a comunicação que é desenvolvida neste ambiente, “onde a única forma de participação e inserção social é por meio do diálogo, da argumentação e da reivindicação” (ANSELMO, 2008)

Situados neste universo, inicia-se uma reflexão a respeito da autonomia de jovens que vivem em condições socioeconômicas desfavoráveis e de que eles estabelecem suas interações como meio e romper tema realidade simbólica pré-existentes às suas gerações. (ANSELMO, 2008, p.1)

Dessa forma, os jovens que fazem parte de famílias, em que a motivação principal é a busca por recursos para sobrevivência, tornam concreto seu campo simbólico de pobreza, fazendo com que os diálogos convertam-se na busca por soluções a este problema.

Devemos considerar as possibilidades de que os meios de comunicações oferecem e oportunizam a prática do diálogo no desenvolvimento de seus produtos. Assim, “pensar na cultura é colocar em discussão a relação do sujeito na sociedade. Não há como refletir sobre os assuntos sem considerar o processo sócio-histórico pelo qual passaram os indivíduos”. (ANSELMO, 2008, p.2)

² Dentre eles, destacam-se Áries (1981); Elias (1994); Peralva (1997), Abramo (1994) (DAYRELL, S/D, b)

Neste contexto, pode-se desenvolver uma relação de dependência, o que pode gerar uma falsa idéia de liberdade e autonomia. Estas relações identificadas como de força, segundo Pierre Bourdieu, estão permeadas de sentido, organizando um conceito de cultura situado como o conjunto dos processos sociais de significação, produção, circulação e consumo da significação na vida-social (ANSELMO, 2008, p.2 *apud* GARCIA-CANCLINI, 2005).

O não pertencimento à sociedade gera um processo de retração que pode provocar uma incompreensão da realidade. Paralelos a esta situação, os privilegiados conduzem o sistema, já estruturado pelos mecanismos de reprodução simbólica e social, reestruturando suas ações. Neste processo, chamado por Bourdieu (1989) de violência simbólica, a dominação tende a assumir a forma de um meio de opressão mais eficaz. Na tentativa de inverter a dominação, o sujeito, ao deparar-se com uma realidade que solicita uma mudança de comportamento, depende de um estímulo, muitas vezes, desenvolvido subjetivamente de acordo com suas interações, que possibilita o acesso a novas informações e a produção de conhecimento sobre a realidade, iniciando um processo de participação no contexto social.(ANSELMO, 2008 p.2)

Neste contexto, os jovens necessitam de instrumentos que lhes ofereçam visibilidade e representação, logo eles se apropriam das técnicas de produção de mídia como forma de dar voz às suas argumentações (ANSELMO, 2008, p, 5 *apud* PERUZZO, 2008):

Os veículos de comunicação devem servir como instrumentos de acesso e veiculação de informações, de divulgação, de mobilização, de diálogo social e público, mas, acima de tudo, de participação. No contexto local, o jornal, ao ser identificado como comunitário, vincula interpretações acerca do sentido de comunidade que reforça a participação ativa, o sentimento de pertença desenvolvido entre os membros, mas, principalmente, a capacidade de conseguir identificação com as práticas culturais e os interesses locais (ANSELMO, 2008, p,5 *apud* PERUZZO, 2005).

As características de comunicação, como linguagem, expressão ou produto já passam automaticamente por processos de significação que permeiam a idéia relacional de cultura. Estes termos já estão presentes no espaço comunitário. “A diferença de desenvolver a cultura por meio de um instrumento de comunicação comunitário passa por características sociais distintas que enfocam e vinculam a situação social em que se encontram os sujeitos.” (ANSELMO, 2008, p.5)

Entretanto, mesmo nesse contexto, as significações decorrentes das mediações, pelo qual passou o sujeito, são manifestadas durante a troca de formas simbólicas, ou seja, nos processos de socialização nos quais expressões foram utilizadas como forma de gerar identificação de significados.(ANSELMO, 2008, p.5)

Deste modo, os aspectos como participação e interpretação tornam-se importantes para a compreensão de um processo cultural de países como o Brasil, que sofre até hoje uma imposição capitalista dos grandes centros econômicos. “Nestas interações, os indivíduos não apenas absorvem passivamente formas simbólicas, mas ativa e criativamente, dão lhes um sentido.” (ANSELMO, 2008, p.6)

CAPÍTULO II

Comunicação Comunitária

A comunicação popular surgiu como processo de comunicação de grupos populares. Segundo Cicília Peruzzo (2006, p.2), “a comunicação não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares.” Também conhecida como alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, o que depende do lugar social e do tipo de prática em questão, a comunicação popular trata principalmente da forma de expressão de segmentos excluídos da população (PERUZZO, 2006, p.2).

Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política. (PERUZZO, 2006, p.02)

A comunicação popular tem o poder de romper com a lógica de dominação, ela acontece a partir do povo (PERUZZO, 2006 *apud* GIMENEZ, 1979, p. 60). Peruzzo (2006, p.4) explica que a comunicação popular e alternativa, “se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do ‘povo. Pode se dizer, então, que a comunicação popular é a “comunicação do povo”, feita para ele e por ele (PERUZZO, 2006).

Foi a partir da década de 1970 até meados de 1990 que a “contra-comunicação”, comunicação reivindicativa das classes subalternas apareceram massivamente nos movimentos populares, em organizações populares e alternativas. Trata-se de uma “comunicação libertadora, que tem o povo como gerador de base, na imprensa alternativa, na oposição sindical metalúrgica, Ongs, e setores progressistas da igreja católica, além de outros grupos. Estes projetos, em geral envolviam jovens e adolescentes e assumiam um misto de mídia comunitária com alternativa. “Numa dinâmica em que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da auto-estima e da cidadania juvenil em áreas carentes” (PERUZZO, 2006, p. 5,6).

Essa expansão ocorre ao mesmo tempo em que a criação de setores populares na mídia convencional, (comercial e educativa), abrem espaço para assuntos restritos aos canais alternativos e populares, que dão destaque a abordagem a temas ligados ao desenvolvimento social e a cultura local. Neste contexto, “o movimento popular passa a marcar sua presença tanto na forma autônoma (dando depoimentos e contando histórias de projetos sociais bem sucedidos), como grupal, quando as propostas dos movimentos sociais passam a sensibilizar e permear a programação da mídia.” (PERUZZO, 2006, p.6)

Por outro lado, no espectro televisivo há uma série de novas iniciativas com finalidade primordial de promover a educação informal, a cultura e o desenvolvimento social. É o caso dos canais de televisão de uso gratuito no sistema a cabo, como o universitário, o comunitário (ambos espalhados pelos municípios brasileiros), o canal do Poder Judiciário, os canais legislativos e os educativo-culturais. Há ainda outros canais privados de conteúdo educativo na televisão por assinatura, via satélite, como o STV (do Senac) e o Canal Futura, entre outros. Surgiram também novos meios alternativos de comunicação¹². (PERUZZO, 2006, p.6)

Desse modo:

O caráter mais combativo das comunicações populares – no sentido político – ideológico, de contestação e projeto de sociedade – foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais (no nível do tratamento da informação, abertura à negociação) e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura, o que não significa dizer que combatividade tenha desaparecido. Houve também a apropriação de novas tecnologias da comunicação e incorporação da noção do acesso à comunicação como direito humano. (PERUZZO, 2006, p.6).

Assim, a convergência e os “pontos de passagem” entre a comunicação popular, alternativa e comunitária extrapolam os movimentos populares, embora continue, em muitos casos, a representar um canal de comunicação para estes movimentos, ou ainda possuem vínculos orgânicos com os mesmos. “Essa complexidade gerou conceitos que permitem tomar as expressões ‘comunicação popular’ e ‘comunicação comunitária’ como sinônimos, mesmo reconhecendo características próprias em cada um dos processos, em decorrência das dificuldades para se fazer demarcações precisas consistentes entre os processos”. (PERUZZO, 2006, p. 7)

Comunicação popular e comunitária – diferenças e convergências

No Brasil, desde o final do século passado passou-se a empregar a expressão *comunicação comunitária* para mencionar este tipo de comunicação. A *comunicação comunitária* utiliza os conceitos e reproduz práticas tipicamente de comunicação popular em sua fase original e, dessa forma, se confunde com ela, mas, ao mesmo tempo, outras características se definem. (PERUZZO, 2006,p.02).

A comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, proporcionar a participação ativa da população, ter prioridade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2006, p.09)

Os termos comunicação popular e comunitária sempre denotam uma comunicação que tem o “povo” como principal objeto, tanto como protagonista quanto destinatário.(PERUZZO, 2006)

A comunicação comunitária, na forma como vem se desenvolvendo no últimos tempos significa: o canal de expressão da comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos quais os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. Deve ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com temas da realidade. (PERUZZO, 2006. p.9 *apud* DELIBERADOR; VIEIRA, 2005, p.8)

A comunicação comunitária engloba também todos os meios tecnológicos e diversas modalidades de expressão sob controle dos movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. É responsável também por realizar o direito à comunicação na perspectiva do acesso aos canais para se comunicar. “Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos, propicia a constituição de processos, *educomunicativos*, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento do exercício da cidadania. (PERUZZO, 2006, p. 10).

Desse modo, apesar da validade de meios “comunitários” que prezam mais os conteúdos aderentes às localidades do que a participação ativa dos cidadãos em todos os processos do *fazer* comunicativo, há que se reconhecer que os meios de comunicação podem contribuir para a educação não apenas pelos conteúdos que transmitem, mas pelo processo

de produção e difusão de mensagens que propiciam. (PERUZZO,2006, p.10)

Os processos de comunicação popular e comunitária têm maior visibilidade especialmente em duas situações: quando os desafios estão, por exemplo, na apropriação de instrumentos de comunicação dirigida, tais como pequenos jornais, panfletos, cartazes e faixas. No início da ação dos movimentos populares, foram os meios artesanais que se mostraram os mais viáveis. Já em um segundo momento, ocorre um crescimento social de tecnologias mais avançadas para a comunicação, que passa pelo videocassete, alto-falante, rádio em frequência modulada, televisão comunitária no sistema cabo e internet. (PERUZZO, 2006, p.10)

Empoderamento, de empowerment, em inglês, quer dizer participação popular ativa com poder de controle e de decisão nos processos sociais (políticas públicas relacionadas à educação, saúde, transporte, questões de gênero, geração de renda), e como tal, também, dos meios de comunicação. O desafio atual é justamente avançar no empoderamento qualitativo e amplo das novas tecnologias de comunicação.(PERUZZO, 2006, p.10)

Comunicação comunitária e a comunidade

O termo “Comunicação Comunitária” tem uma ligação direta com os conceitos de comunidade, que são complexos e estão em constante transformação. (PERUZZO, 2006). Para Roger Silverstone (2005), “‘Comunidade’ é um termo descritivo e avaliativo. É o local onde as pessoas vivem entre vizinhos, amigos e parentes, como membros de regiões e nações. É um local para se compartilhar valores e crenças”.

Nós as vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos constantemente de que nos lembrem, nos reassegurem de que nosso sentimento de pertencimento e nosso desenvolvimento. (SILVERSTONE, 2005, p.181)

O termo Comunidade pode ser desgastado ou mal empregado, mas ele aborda algumas das questões nucleares sobre o que torna a vida cotidiana possível e aceitável. As identidades são encontradas nas relações sociais que são impostas e nas que o individuo procura. (SILVERSTONE, 2005)

Muitos pesquisadores se dedicam ao estudo de comunidade. Entre os mais referenciados está Ferdinand Tönnies certamente pela clássica diferenciação entre comunidade (Gemeinschaft) e sociedade (Gesellschaft), cuja obra “Comunidade e Sociedade” foi publicada

originalmente em 1887, mas somente se tornou best-seller a partir da segunda edição em 1912. O autor mostra uma oposição entre os dois conceitos, identificando comunidade como portadora de relações resultante de “uma vida real e orgânica”, enquanto sociedade teria estrutura “mecânica e imaginária”. “Tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto [...] será entendido como vida em comunidade. A sociedade é a vida pública – o próprio mundo” (PERUZZO, 2006 *apud* TONNIES, 1995, p.231).

Peruzzo (2006, p.12) explica que em meio a outras dezenas definições do conceito de comunidade, ainda apresenta-se o conceito de R. M Macleaver & C. Page (1973, p.122)

O que caracteriza Comunidade é que a vida de alguém *pode* ser totalmente vivida dentro dela. Não se pode viver inteiramente dentro de uma empresa comercial ou de uma igreja; pode-se viver inteiramente dentro de uma tribo ou de uma cidade O critério básico da comunidade, portanto, está em que todas as relações sociais de alguém podem ser encontradas dentro dela. (PERUZZO, 2006, p.12 *apud* MACLEVER; PAGE 1973, p.122)

Os autores, acima citados, apontam, ainda, como bases de uma comunidade alocalidade e o sentimento : uma comunidade ocupa sempre uma área territorial. Em sua maioria as comunidades são fixas e “extraem das condições de sua localização um forte laço de solidariedade”, a existência de coesão social que dá o caráter de comunidade. Embora, a localidade seja condição necessária, não é suficiente para criar uma comunidade. “Comunidade ‘é uma área de vida comum. Tem que haver vida em comum com a noção de que se compartilha tanto de um modo de vida quanto de terra comum’”. (PERUZZO, 2006, p.12)

Para Silverstone (2005), “todas as comunidades são comunidades virtuais”, as comunidades são imaginadas em que participamos delas, com ou sem o contato físico.

Os que proclamam uma nova era da comunidade possibilitada pela Internet dizem que a comunidade é possível sem proximidade e que, por persistentes comunicações múltiplas (...) num grupo auto-selecionado de entusiastas (que escrevem em inglês), cria-se uma nova realidade social compartilhada, em que indivíduos são apoiados e podem tanto encontrar significado como expressar e manter uma identidade pessoal. (Silverstone, 2005)

Assim, podemos entender que o conceito de comunidade está em transformação, principalmente por conta das novas mídias. Ainda restam questões importantes que devem ser discutidas e resolvidas, “sobretudo na interface entre “comunidades” *on-line* e *off-line*, e na capacidade de novas expressões da sociabilidade tradicionalmente mediada”. (Silverstone, 2005)

CAPÍTULO III

Análise do Discurso

A palavra *discurso* etimologicamente tem em si a idéia de *curso*, de *percurso*, de *correr por*, de *movimento*. O Discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, trata do discurso e tem como objetivo procurar compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história. (ORLANDI, 1999, p. 15).

Análise do Discurso é uma prática e um campo da Lingüística e da Comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto. É muito utilizada, por exemplo, para analisar textos da mídia e as ideologias que trazem em si. Discurso é a prática social de produção de textos, assim todo discurso é uma construção social, não-individual, podendo ser analisado sob seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que o discurso reflete uma visão de mundo vinculada à do(s) seu(s) autor(es) e à sociedade em que vive(m). O texto, por sua vez, é o produto da atividade discursiva, o objeto empírico da Análise do Discurso; é a construção sobre a qual se debruça o analista para buscar, em sua superfície, as marcas que guiam a investigação científica. É necessário, porém salientar, que o objeto da Análise do Discurso é o Discurso.

Para Pêcheux (1975, *apud* Orlandi, 1999, p. 17) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, o individuo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que língua faz sentido. O discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e a ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para sujeitos. A Análise de Discurso busca a significação de ideologias. A questão a ser respondida não é “o quê?”, mas o “como”?. Para responder, ela não trabalha com textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela concebe na discursividade. (ORLANDI, 1999, p. 18).

A lingüística constitui-se pela afirmação de não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta em sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise de Discurso, que procura mostrar que a relação da linguagem/pensamento/ mundo não é unívoca, não é uma relação direta. Se faz termo-a-termo, isto é não se passa diretamente de um a outro . (ORLANDI, 1999, p. 19).

Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Este, por sua vez se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORNLANDI, 2005 p.19)

A Análise de Discurso trabalha na confluência de três campos de conhecimento, psicanálise, lingüística e marxismo, o que irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorte de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar essas formas de conhecimento em seu conjunto: este novo objeto é o discurso. (ORLANDI, 1999. p.20)

A Análise de Discurso não tem como foco o busca pelo sentido “verdadeiro”, mas sim a busca pelo real sentido em sua materialidade lingüística e histórica. (ORLANDI, 1999)

Temos afirmado que não há sentidos “literais” guardados em algum lugar – seja cérebro ou língua – e que, “aprendemos” a usar Os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos o controle e no quais o equivoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente- estão largamente presentes. (ORNLANDI, 2005, p. 60).

Os primeiros pontos que devemos considerar ao pensar em Análise do Discurso é constituição do *corpus*. A delimitação do que será o corpus não segue critérios empíricos, mas sim teóricos. Em geral, é feita a distinção do corpus experimental de e o de arquivo. Dessa forma, a construção do corpus e análise estão intimamente ligados: “decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 1999, p. 63)

Atualmente, considera-se a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é constituir montagens discursivas que obedeçam critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visa a

demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentido. (ORLANDI, 1999, p.63)

Para Orlandi :

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para “reger” a relação do analista com o seu objeto, como os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação.(ORLANDI, 1999, p.64)

Em suma, não dizemos da análise que ela é objetiva, mas que ela deve ser menos subjetiva possível, explicitando o modo de produção de sentidos do objeto em observação. Por essa razão, quando concluída a análise, o que se pode avaliar é a capacidade analítica do pesquisador, pela habilidade com que ele pratica a teoria, junto a sua responsabilidade teórica.

CAPITULO IV

Análise do Fanzine Radical News

O objetivo da Análise de Discurso é compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história. Muitas vezes ela funciona como uma lupa, que auxilia os pesquisadores a enxergar o que está nas entrelinhas dos discursos e das representações sociais. Por meio da análise do discurso podemos também observar as relações sociais e as alternativas que os jovens encontram para contornar os problemas nos grandes centros urbanos.

Vivemos em uma sociedade marcada por contradições de diversas ordens, a desigualdade que assola as grandes cidades traz consequências trágicas para a construção de ideologias e principalmente de identidades. Dessa forma, é natural que aqueles que se vêem excluídos criem formas para alcançar a liberdade de expressão e fazer circular sua voz, que muitas vezes são ocultas pelas normas sociais vigentes, ainda que em áreas restritas. Por trás desse jogo de forças surgem novas maneiras de expressões marginais, que sobrevivem e se nutrem da complicada relação entre o reconhecimento de se fazer algo e a negação e indiferença desse mesmo fazer pela sociedade.

Assim, para adequar-se ao propósito estabelecido, quer seja, demarcar um território para a sua atuação e conseqüentemente difusão de suas idéias, e para afirmar a legitimidade do posicionamento assumido, qual seja o de insurgir-se contra a estrutura cultural dominante, que lhe subtrai direitos, o “excluído” numa atitude de recusa às formas convencionalmente aceitas, investe em gêneros, dispositivos, que apontam, logo de saída, a sua condição de marginal, de independente.(ZAVAM, 2006, p.9)

Um exemplo destes gêneros é o criado pelos *fanzineiros*, que, buscam vencer obstáculos impostos por um mercado editorial seletivo, criando, distribuindo e divulgando a própria produção: o *fanzine* ou, simplesmente, *zine*. (ZAVAM, 2006)

A origem do vocábulo *Fanzine* vem da abreviação da expressão em inglês *fanatic magazine*, mais especificamente da aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista) com a sílaba inicial de *fanatic*. Portanto, são publicações de pessoas interessadas na divulgação de determinadas expressões artísticas, de reproduções de histórias em quadrinhos, poemas, contos, ficção científica,

informações sobre bandas independentes, experimentações gráficas, entre outros. (ZAVAM, 2006)

Impressos, inicialmente com instrumentos rudimentares de reprodução, como mimeógrafo e, atualmente, graças a popularização de outros meios de impressão reproduzidos em *offset* e máquinas fotocopadoras, “os *fanzines* são uma opção, em muitos casos a única, para artistas, escritores, poetas, músicos, cartunistas, ou simplesmente apreciadores do gênero, que buscam, por meio da divulgação de suas obras romper o silêncio”. (ZAVAM, 2006, p.10)

O *fanzine* está à margem do processo produtivo e dos lugares instituídos (e permitidos) de manifestação artística, verdadeiros representantes, impertinentes dos processos pelos quais o homem (re)significa a si mesmo e o mundo em que está inserido e (inter)age por meio da linguagem, das possibilidades de discurso (ORLANDI, 2002), mesmo que na contramão do que é esperado e consentido. (ZAVAM, 2006 p. 10)

Investir no gênero *fanzine* é posicionar-se contra a ideologia sobretudo a do mercado editorial e é, conseqüentemente, colocar-se à margem desse mercado. Saber-se à margem é assumir-se, sem lugar não definido e não estabilizado, no âmbito da sociedade. (ZAVAM, 2006, p.10)

Radical News

Em meados de 2003, surgia na Região Administrativa São Sebastião, periferia de Brasília, o grupo *Radicais Livres Sociedade Anônima* – que hoje é considerado uma Associação Sociocultural. Inicialmente, o objetivo do grupo era mostrar à Brasília, especificamente ao Plano Piloto, a existência de um grupo formado por moradores focados na produção, divulgação e disseminação de cultura na comunidade. O primeiro projeto, até hoje considerado o principal deles, foi o *Sarau Radical* em que os membros, amigos e simpatizantes do movimento se reúnem mensalmente para apresentar peças teatrais, músicas, dança, artes e principalmente declamar poesias e crônicas. Foi neste contexto, que surgiu o *Fanzine Radical News*, que tinha como intuito dar voz aos poetas e cronistas e divulgar os acontecimentos do grupo, que sentiam falta de um meio físico para expor suas criações.

Atualmente, a publicação do *Fanzine* é bimestral, o espaço é voltado principalmente para a divulgação do conteúdo literário, apesar de ter partes em que são usadas recursos do gênero jornalístico para a construção de editoriais e

colunas. O *Fanzine* é elaborado por uma equipe de cinco colaboradores fixos - jovens entre 16 e 28 anos - embora não esteja limitado a somente esta equipe, uma vez que os membros do movimento podem publicar os seus trabalhos. A equipe é comandada por um editor-chefe, responsável por reunir o material e diagramar o *zine*, os outros colaboradores são considerados subeditores por ajudarem também na seleção do material, além de um cartunista, responsável por todas as artes da publicação.

A distribuição do *zine* é feita principalmente no sarau, mas também é distribuído em escolas de São Sebastião e outros eventos realizados pelo grupo como o *Radical Rock*, um festival de música onde as bandas da cidade se apresentam.

Uma característica marcante da publicação – com exceção ao editorial, que sempre traz discussões atuais ao *zine* - é que não existe a definição de pauta. O material que chega é selecionado e o que não é utilizado, fica guardado em um banco, para uma possível publicação na próxima edição. Somente em datas específicas é que são definidas pautas, como no Natal e na Páscoa.

Por meio da análise de discurso, podemos compreender que esta peculiaridade faz parte da inquietude juvenil, que é retratada na maneira de se fazer o trabalho, uma vez que, não existe uma definição de pautas, e sim uma definição de gêneros e conteúdos escolhidos a partir de uma seleção democrática. Os editores escolhem aquilo com que se identificam e com o que possam ter algum viés crítico ou político, mostrando assim ao seu público-alvo, a indignação e a preocupação com os assuntos sociopolíticos.

Outro dado importante é que existe um padrão em todas as edições, como a chamada de capa com a logo e título da publicação, pequenos textos abaixo do nome do *zine* que trazem “gracinhas” em relação o logomarca do macaco, no cabeçalho da publicação, como “Homens ou Macacos” e “Antes que os macacos virem homens”, além das editorias fixas: Editorial, “O idiota do mês”, a novela “A Flor” e “Aconteceu”.

Este estudo analisou alguns componentes de destaque no *fanzine*: o nome do grupo, *Radicais Livres* no qual o título da publicação é inspirado; a logomarca do macaco pensador; os subtítulos, que ficam abaixo do cabeçalho; trechos de textos da capa, além do nome do *zine* que é constituído por fontes diferenciadas.

Para esta pesquisa foram consideradas as quatro capas de edições consecutivas do *fanzine*: março, maio, junho e agosto de 2009. O objetivo principal foi avaliar, por meio da Análise de Discurso, como os jovens retratam a realidade sociocultural de São Sebastião.

ANÁLISE DO MATERIAL EMPÍRICO

A escolha do nome “Radicais Livres”

A escolha do nome do grupo *Radicais Livres* remete à construção de vários significados, o primeiro deles aquele dado pela Ciência, que denomina radical livre toda a molécula que possui um elétron ímpar em sua órbita externa, fora de seu nível orbital, gravitando em sentido oposto aos outros elétrons. Este elétron livre favorece a recepção de outras moléculas, o que torna os *Radicais Livres* extremamente reativos, inclusive com moléculas orgânicas.

Um grupo de jovens em uma comunidade de periferia denominado *Radicais Livres* favorece a percepção de que tal como estes elétrons, estes jovens tornam-se também extremamente reativos e capazes de transformar o ambiente e a sociedade em que vivem, tirando-a de um padrão estabelecido e estável.

Etimologicamente, a palavra *radical* vem de raiz, enraizamento denotando um aprofundamento e ao mesmo tempo algo que é intrínseco ao indivíduo e caracterizado por um afastamento do que é tradicional ou usual. O termo ainda pode significar algo ou ser drástico e extremo, que busca os problemas na raiz deles. (Dicionário Houaiss, 2009)

Já a palavra *livre*, vem de liberdade, que significa o grau de independência legítima que um cidadão, um povo ou uma nação elege como valor supremo, como ideal. Ou ainda, um conjunto de direitos reconhecidos ao indivíduo, considerado isoladamente ou em grupo, em face da autoridade política e perante o Estado, ou seja, a liberdade é o poder que tem o cidadão para exercer a sua vontade dentro dos limites da lei. (Houaiss, 2009)

Podemos também entender, por meio da análise de discurso do nome do grupo, que a busca pela liberdade é uma busca pela liberdade de expressão. Esta procura é feita de forma extrema e radical, com o intuito de quebrar paradigmas e conseguir modificar a realidade em que estão inseridos. Eles buscam também a independência, por isso abraçam tantas iniciativas que promovem a auto-estima da periferia.

Para uma instituição que surgiu em um barraco de fundo de quintal, percebemos que estamos caminhando certo. Foram muitas lutas, muitos Saraus feitos sem verbas, muitas impressões de Radical News feitas com recursos próprios, mas ao mesmo tempo, muita satisfação de todos os

integrantes que fazem dos Radicais, realmente Livres. (Radical News, março de 2009)

No trecho acima, retirado da capa edição comemorativa de aniversário, no mês de março (Figura 1), observa-se a necessidade do grupo em se reafirmar como uma associação livre, independente do Estado, ou de iniciativas privadas. São claras também as dificuldades financeiras que o grupo enfrenta para alcançar seu objetivos. O interessante é que todos esses empecilhos não impedem a criação e concretização das atividades culturais do movimento, e por esta razão, de indepêndencia financeira e estatal, os *Radicais Livres*, se consideram realmente livres.

Figura 1

Suplemento cultural Distribuição gratuita

Radical NEWS

HOMENS DA MACACOIS? Volume XXVI, 24ª edição março, 2009

Radical News e Radicais Livres comemoram seis Anos!!!

A Associação Socio-cultural Radicais Livres, juntamente com este Suplemento Cultural Radical News, comemoram nesse mês de março, seis anos de transformação social em São Sebastião.

Para uma instituição que surgiu em um barraco de fundo de quintal, percebemos que estamos caminhando certo. Foram muitas lutas, muitos Saraus feitos sem verbas, muitas impressões de Radical News feitas com recursos próprios, mas ao mesmo tempo, muita satisfação de todos os integrantes que fazem dos Radicais, realmente Livres.

Muito temos que percorrer ainda, com seis anos somos apenas uma criança. Preciso devo acrescentar, mas ainda sim, criança.

Parabéns aos Radicais Livres pelo papel que vêm fazendo no Distrito Federal e parabéns Radical News por ter se tornado a principal forma de comunicação e disseminação da cultura de periferia.

Radicais Livres em projeto que busca a paz no Itapoã

A Associação Radicais Livres Sociedade Anônima é uma das responsáveis por transformar um lugar que hoje é visto com maus olhos e preconceito por todo o DF através do Expressa Periferia! Em parceria com o Ministério da Justiça, o grupo são sebastianense pretende levar uma cultura de paz e de valorização a todos os moradores do Itapoã. "Um dos objetivos é acabar com o "status" que a cidade tem de violenta, e resgatar talentos ainda escondidos nas ruas e becos da cidade. Algo semelhante ao que aconteceu com nós aqui em São Sebastião" diz Julio César, coordenador do projeto.

Em evento super badalado, Gina, a Miss Baranga 2008 (foto), passa a faixa para a campeã 2009, Gisele Bucho. E veja mais: Super Sarau, Radical Rock e Diga How. Projetos dos Radicais

Acessem:
<http://radicaislivresna.blogspot.com>
<http://edissemario.blogspot.com>
<http://saulomadrugal.blogspot.com>
<http://http://dennyyppgs.blogspot.com>
<http://poetadiogoramalho.blogspot.com>

Pág. 11

O Macaco que pensa (logomarca)



O Macaco, em um sentido mais abrangente, é designação comum a todas as espécies de primatas, símios e antropóides. Conhecido por seu dom de imitação é considerado um animal irritável e tolo, o macaco geralmente está relacionado a coisas fúteis e brincadeiras de mau gosto, como as “macaquisses”.

Apesar destas conotações negativas, estes animais são de agilidade incrível, espertos e vorazes, aprendem rápido uma nova artimanha, e estão sempre atentos aos acontecimentos que os cercam. Dessa forma, é por estas características, que os macacos em muitas culturas (tibetana, hinduísta, entre outras) são considerados sábios e cultuados como deuses.

Ao utilizar-se deste símbolo para representação do grupo, os *Radicais Livres*, mostram a interface dos seus objetivos. Ao mesmo tempo em que exercem um trabalho intelectual, que necessita de conhecimento e agilidade, eles utilizam da brincadeira, do lúdico e até mesmo tolices para concretizar os trabalho e definir uma identidade própria. A logomarca simboliza as pessoas do grupo que estão refletindo sobre a vida e realidade e que buscam com sabedoria e agilidade novas maneiras de alcançar seus objetivos.

Por ser um macaco pensador é fácil observar a relação do movimento com a questão da disseminação do intelecto. O *pensar* significa refletir, e uma característica observada no *fanzine* é a reflexão que os editores fazem em relação ao dia-dia. Um exemplo, é o texto de capa da edição de maio (Figura 2) do *fanzine*, em

comemoração ao Dia do Trabalho, feito pelo colaborador Diogo Ramalho, em que traz uma reflexão acerca dos problemas em relação ao desemprego:

Nesse dia em que se comemora o Dia do Trabalhador vemos milhares de pais de família que não tem o que comemorar, muito pelo contrário o feriado é um dia que os vários Josés, Raimundos, Maria e muitos outros ficam em casa sem poder procurar emprego.

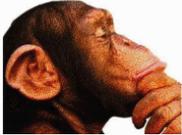
Em um País de dimensões continentais é quase difícil de crer que se tenha tanta gente desempregada, mas “yes, nós temos empregos!”. Onde estão? Em todos os lugares em vários setores, o real motivo da taxa elevada de desemprego é a falta de qualificação de nossa população.

De que adiana ter gente, mas não qualificação:

Nosso sistema educacional não transforma nossos jovens em pessoas capacitadas para o mercado de trabalho, muito menos estimulam o ingresso à universidade, salvo as particularidades que fizeram do vestibular uma forma de marketing. (Radical News, maio de 2009)

Figura 2

Distribuição gratuita



Radical News

Maio de 2009

Antes que o homem vire macaco. Ano XXIV 35ª edição






1º de Maio, dia do trabalhador

Como surgiu o dia do Trabalhador

Em maio de 1886, foi realizada uma manifestação de trabalhadores nas ruas de Chicago nos Estados Unidos com a finalidade de reivindicar a redução da jornada de trabalho de 16 para 8 horas diárias. Esta manifestação culminou com a morte de alguns manifestantes. No dia 4 de maio uma nova manifestação foi organizada como protesto pelos acontecimentos dos dias anteriores, no conflito morreram sete agentes policiais e doze manifestantes.

Três anos mais tarde, passa a ser convocada anualmente, uma manifestação com o objetivo de lutar pelas 8 horas de trabalho diário em Paris.

Em 23 de abril de 1919 o senado francês ratifica o dia em 8 horas de trabalho e proclama o dia 1 de Maio desse ano feriado. A data foi escolhida como homenagem aos mortos em Chicago. Em 1920 a Rússia adota o 1º de Maio como feriado nacional, e este exemplo é seguido por muitos outros países.

Por Diogo Ramalho

Dia 1º de Maio, dia do trabalhador. Em todo país vemos sindicatos comemorando suas “conquistas”, realizando grandes festas e sorteio de prêmios valiosos, mas enquanto um ou outro ganha carro de brinde, milhões de outros trabalhadores ficam a ver navios. Não pense caro leitor que venho aqui falar que a culpa é do governo e dos grandes empresários. Então a culpa é de quem? A culpa é de todos nós que deixamos nosso país chegar a esse ponto através do comodismo social, aceitando os benefícios duvidosos do nosso bom e velho jeitinho brasileiro que faz com que nós (brasileiros) sejamos tão “bem vistos” no exterior.

Nesse dia em que se comemora o dia do trabalhador vemos milhares de pais de família que não tem o que comemorar, muito pelo contrário o feriado é um dia que os vários Josés, Raimundos, Marias e muitos outros ficam em casa sem poder procurar emprego.

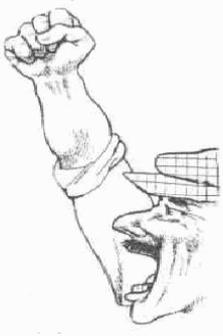
Em um país de dimensões continentais é quase difícil de crer que se tenha tanta gente desempregada, mas “yes, nós temos empregos!” Onde estão? Em todos os lugares, em vários setores, o real motivo da taxa elevada de desemprego é a falta de qualificação de nossa população.

De que adianta ter gente, mas não ter qualificação?

Nosso sistema educacional não transforma nossos jovens em pessoas capacitadas para o mercado de trabalho, muito menos estimulam o ingresso à universidade, salvo as particulares que

fizeram do vestibular uma forma de marketing. O sistema de ensino atual põe a criatividade de nossas crianças e jovens aí começa a contradição pois o mercado de trabalho “pede” pessoas criativas. O que podemos perceber é que as pessoas de baixa renda que visam uma formação acadêmica acabam ingressando em faculdades particulares (nada contra universidades particulares), graças a programas imediatistas como o PROUNI, enquanto os alunos das escolas particulares ingressam nas universidades públicas, muitos meramente por status.

O dia 1º de Maio é dia de comemorar sim, mas para que o dia do trabalhador seja realmente uma data de celebrar conquistas não pensemos apenas nos trabalhadores que aí estão, pensemos também nos trabalhadores que ainda estão por vir.



Pela Análise de Discurso, podemos observar a reflexão crítica que o autor faz em relação ao Dia do Trabalhador. Ele traz para pauta de discussão as verdadeiras causas do desemprego no País. Provavelmente, ele se identifica com as questões levantadas, como a falta de oportunidades e a falta de incentivo a qualificação profissional, além de uma crítica ao sistema educacional brasileiro.

“Nosso sistema educacional não transforma nossos jovens em pessoas capacitadas para o mercado de trabalho, muito menos estimulam o ingresso à universidade”, este trecho, comprova a indignação do autor em relação a capacitação de jovens para o mercado de trabalho, quando ele fala dos jovens sublima-se os que são os que vivem nas periferias, e que não têm acesso a um educação de qualidade, além de serem destimulados ao ingresso na universidade, por necessidades financeiras.

“Aqui em São Sebastião, o pobre é estimulado a ganhar dinheiro, rápido e fácil. Neste caso, ou você vira pedreiro, ou vira traficante. Tem gente que vira, né?!”, a frase dita durante uma entrevista realizada para esta pesquisa, por Paulo Sérgio Júnior, vulgo Devana Babu - subeditor do *fanzine*, um jovem de 18 anos, cronista e poeta - deixa clara a pressão e preconceito que ele e outros jovens do grupo, sofrem ao tentarem alternativas de lazer e estudo, e até mesmo, ingresso a tão sonhada universidade.

O *fanzine* ainda traz outra brincadeira com o simbolismo do macaco, em subtítulos encontrados em dois exemplares: março (Figura 1) e maio (Figura 2).

Homens ou macacos?

Antes que o homem vire macaco?

Março



Homens ou macacos?

Volume XXVI,

24ª edição

março, 2009

Maio



Estas duas frases fazem analogia entre humanos e os macacos, levantando a questão sobre a diferença e as semelhanças existentes entre os dois seres, podendo-se inferir que ao final, ambos não são muito diferentes. Homens e macacos são espécies muito semelhantes, quase considerados 'parentes', diferenciando-os a chamada racionalidade humana. No entanto, seres humanos podem vir a se comportar de forma 'animal', ou seja, de forma agressiva ou irracional, comportamento muitas vezes mais propriamente dos homens do que dos macacos.

Estes, por sua vez, podem ser dóceis e amigáveis, comportamento mais dito 'humano'. Em uma época de altos índices nacionais de violência e em uma realidade, como a de São Sebastião, onde cresce a taxa da criminalidade, os jovens precisam se deparar diariamente com o paradoxo de serem gente ou bicho. Daí a força desta imagem de homens e macacos para uma geração ainda em formação.

Fontes diferenciadas

Nas capas do *fanzine*, a expressão *Radical News* aparece em diversos tipos de fontes. As letras escolhidas misturam-se remetendo à idéia de rebeldia e fuga do padrão instituído. A formatação do *fanzine*, apesar das limitações de acesso a ferramentas de diagramação, demonstra a preocupação do grupo em ser diferente. Também a escolha das fontes lembram as formas utilizadas por grafiteiros. Este tipo de arte geralmente feitas em muros, paredes e prédios e típica dos jovens das periferias das grandes cidades e expressa uma não aceitação dos padrões estabelecidos pela sociedade.

Na edição de agosto (Figura 3), o *Radical News* foi uma crítica ao sensacionalismo das grandes mídias, a escolha do tema que pautou todo o jornal,

se deu por conta do programa Profissão Repórter, da TV Globo, apresentado no dia 27 de julho de 2009, e que mostrou as guerras entre as gangues das quadras da periferia do Distrito Federal. No caso, São Sebastião foi considerada uma das regiões mais violentas do DF, onde muitas famílias são vítimas desta guerra.

Revoltados com imagem negativa que o programa passou. Os *Radicais Livres* resolveram fazer tal manifesto. Neste caso, foi analisado o protesto (figura 4) dentro do *zine* feito por Devana Babu (Paulo Sérgio Jr.), que participou das filmagens da reportagem. Este manifesto, também foi enviado ao *blog* do Profissão Repórter, contudo, não foi aceito, devido ao seu conteúdo:

Meu nome é Devana Babu e eu apareci na reportagem de vocês. Eu era um dos acompanhantes daquele garoto loiro que vocês filmaram voltando pra casa através das vias de "chão batido" (!?) de São Sebastião, assim como meu amigo Luís Próton. Ontem à noite eu pude ver, tão claro como a lua de minha cidade recortando as colinas, o efeito daninho que a descontextualização de uma frase pode causar ao sentido dela. Estou francamente decepcionado com vocês e particularmente com a linda senhorita gaúcha Caroline Kleinübing, que me ludibriou, a mim e a meus boêmios amigos, com sua conversa mansa e desprentensiva, com sua polidez e dissimulada compreensão. Digo isso porque durante cerca de uma hora estivemos caminhando lado a lado com ela e os dois outros repórteres, assim como fazemos apenas com nossos companheiros, e desvendando um verdadeiro universo ante os olhos dos incrédulos ouvintes. Falamos de tudo, sobre como funciona a violência na nossa cidade, sobre como ela nos afeta e como não nos afeta, sobre o mundo de arte que só em São Sebastião existe, sobre todas as pessoas "bacanas" que conhecemos, enfim, sobre tudo, inclusive sobre a tal da violência. Fatalmente, de todo o nosso parlatório, a única parte que estes jovens "padawans" foram capazes de filtrar foi um infeliz trecho em que meu imprudente amigo disse: "eu mesmo sei que em algumas quadras eu não posso andar"... O único trecho de um verdadeiro dossiê sobre a cidade... O trecho que dizia o que vocês queriam mostrar, e não a realidade... Uma frase sem contexto... Durante todo o trajeto de volta, estivemos conversando com a jovem Caroline. Falamos sobre como a mídia massacrava nossa cidade com notícias tendenciosas e mal apuradas sobre a violência, e que não gostaríamos que esse programa fosse igual, e por isso queríamos que mostrassem o sarau que fazíamos, e as dezenas de atividades desenvolvidas no Centro Educacional (CED) São Francisco, e muito mais... Queríamos que fosse enfatizada a parte positiva da cidade, o que talvez fosse uma espécie de indenização a todo o mal causado pelo papel anterior da imprensa (...). (Radical News, agosto de 2009)

Novamente, podemos observar a não aceitação dos padrões vigentes da sociedade, pelos membros do grupo. O fato do programa não ter passado o lado positivo, de que existem pessoas que não estão inseridas neste contexto de violência, ou melhor, que lutam constantemente contra ela e as suas rotulações,

trouxe, ao movimento a indignação contra as grandes mídias, que reproduzem somente o senso comum, e fazem um jornalismo parcial e tendencioso. A revolta do jovem é percebida no trecho:

Fatalmente, de todo o nosso parlatório, a única parte que estes jovens "padawans" foram capazes de filtrar foi um infeliz trecho em que meu imprudente amigo disse: "eu mesmo sei que em algumas quadras eu não posso andar"... O único trecho de um verdadeiro dossiê sobre a cidade... O trecho que dizia o que vocês queriam mostrar, e não a realidade... Uma frase sem contexto...(Devana Babu, 2009)

Este texto representa a vontade, não só do jovem Devana Babu, mas todo o grupo, e até da comunidade de São Sebastião, de serem representados pela imprensa de maneira positiva. Com esta reportagem, a auto-estima da população foi abalada. O *fanzine* em protesto teve o papel de apaziguador, mostrando à população o caminho para a construção de comunidade melhor, através da cultura e da solidariedade.

Figura 3

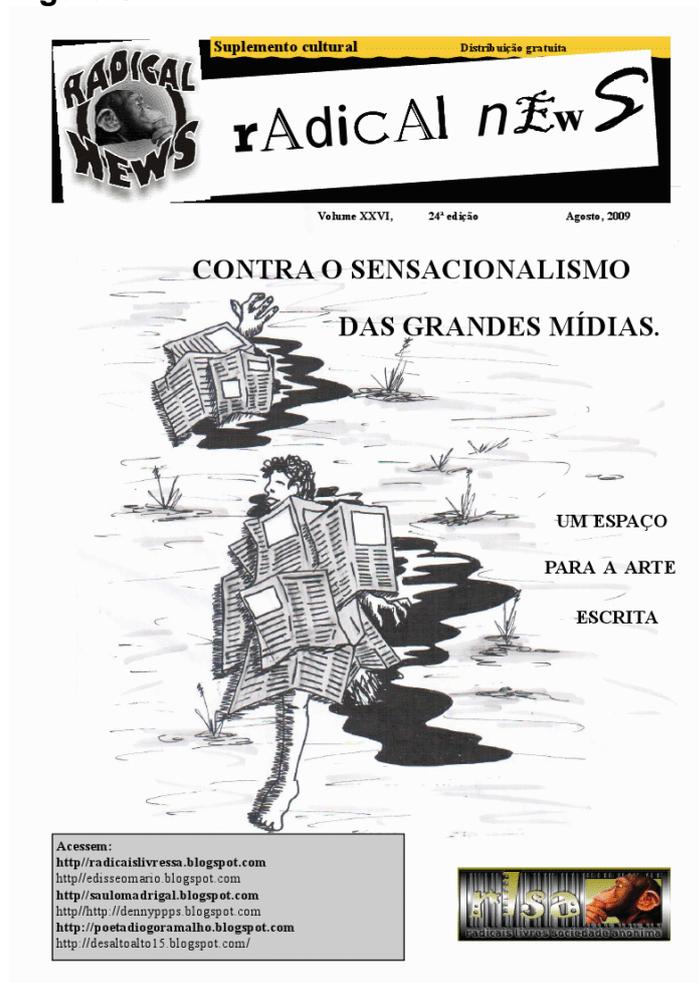


Figura 4

RADICAL NEWS Agosto, 2009

RELATO DE RADICAL LIVRE É DISTORCIDO E DIREITO DE RESPOSTA É VETADO ou MALDITOS SENSACIONALISTAS BARATOS ou SIM! ESTAMOS PUTOS!

Este texto foi "Ctrl+C, Ctrl+V" do Blog do Profissão Repórter, escrito pela "repórter profissional" Caroline Kleinübing:

"As impressões que Brasília me causou, em um primeiro momento, foram todas desfeitas quando cheguei, pela primeira vez, a São Sebastião. As diferenças são tão evidentes que até incomodam. Quem nasce e cresce em uma cidade-satélite não deve se identificar com a capital federal, sob nenhum aspecto. Brasília é espaçosa, organizada, limpa, quase não tem pessoas nas ruas. São Sebastião é árida. Terra seca, chão batido, uma avenida principal asfaltada, ruelas com casinhas cercadas de grades por todos os lados, muros e centenas de pichações. E pessoas, muitas e de todas as idades, caminhando na rua.

Não sei o que os jovens de Brasília fazem, mas não questiono a quantidade de opções. Já sobre os meninos que conheci em São Sebastião não tenho a mesma opinião. Quando indagados sobre o que tinham pra fazer na cidade-satélite marcada pela violência, a resposta era sempre espontânea, crua, direta: - Nada.

Repeti a pergunta inúmeras vezes, pra quase todo mundo, ainda que não tivesse relação com o assunto da

conversa. Perguntei sobre as tardinhas, sobre as noites de sábado, os domingos. Nada, nada, nada. Sem esporte, sem lazer, sem opções de cultura. Era uma dúvida minha, transformada em constatação. É a minha hipótese sobre o porquê dessa coisa de gangue.

Sempre achei que a primeira e mais eficiente alternativa no combate às influências ruins fosse a oferta de oportunidades boas. Reforcei minha lógica depois de conhecer São Sebastião. Andamos por todas as quadras, de norte a sul, nos extremos leste e oeste, e não encontramos praças, nem bancos, nem quadras de esporte. Também não existe cinema, nem teatro. Menos de dez minutos de carro separam São Sebastião de Brasília. Na prática da vida real elas ficam muito mais longe."

Caroline Kleinübing

Arte em primeiro plano. Ao fundo, Caroline nada vê.

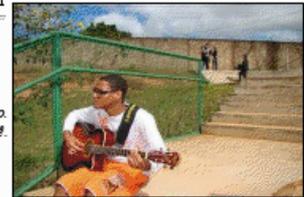


Foto: Herick Murad

RESPOSTA RADICAL

Este comentário foi enviado ao site do "Profissão Repórter". Eles moderaram a página e não quiseram postar nosso desabafo. Por isso, ei-lo aí.

Meu nome é Devana Babu e eu apareci na reportagem de vocês. Eu era um dos acompanhantes daquele garoto loiro que vocês filmaram voltando pra casa através das vias de "chão batido" (?) de São Sebastião, assim como meu amigo Luís Próton. Ontem à noite eu pude ver, tão claro como a lua de minha cidade recortando as colinas, o efeito daninho que a descontextualização de uma frase pode causar ao sentido dela. Estou francamente decepcionado com vocês e particularmente com a linda senhorita gaúcha Caroline Kleinübing, que me ludibriou, a mim e a meus boêmios amigos, com sua conversa mansa e despreziosa, com sua polidez e dissimulada compreensão. Digo isso porque durante cerca de uma hora estive-me caminhando lado a lado com ela e os dois outros repórteres, assim como fazemos apenas com nossos companheiros, e desvendando um verdadeiro universo ante os olhos dos incrédulos ouvintes. Falamos de tudo, sobre como funciona a violência na nossa cidade, sobre como ela nos afeta e como não nos afeta, sobre o mundo de arte que só em São Sebastião existe, sobre todas as pessoas "bacanas" que conhecemos, enfim, sobre tudo, inclusive sobre a tal da violência. Fatalmente, de todo o nosso parlório, a única parte que estes jovens "padauans" foram capazes de filtrar foi um infeliz trecho em que meu imprudente amigo disse: "eu mesmo sei que em algumas quadras eu não posso andar"... O único trecho de um verdadeiro dossiê sobre a cidade... O trecho que dizia o que vocês queriam mostrar, e não a realidade... Uma frase sem contexto... Durante todo o trajeto de volta, estive-me conversando com a jovem Caroline. Falamos sobre como a mídia massacrava nossa cidade com notícias tendenciosas e mal apuradas sobre a violência, e que não gostaríamos

Devana Babu seguindo a reportagem, é um delinquente juvenil desaculturado que não pode andar pelas ruas de São Sebas.

que esse programa fosse igual, e por isso queríamos que mostrassem o sarau que fazíamos, e as dezenas de atividades desenvolvidas no Centro Educacional (CED) São Francisco, e muito mais... Queríamos que fosse enfatizada a parte positiva da cidade, o que talvez fosse uma espécie de indenização a todo o mal causado pelo papel anterior da imprensa... E isso foi um desejo de todos os entrevistados... A diretora Leisa Sasso, os alunos do colégio, e todos os outros... Agora vai a professora Leisa falar sobre o infeliz episódio em que encontraram um infeliz aluno armado nas dependências do colégio... Duvido que não tivesse saído até nas vinhetas... O Próprio Gleyton, que vocês fizeram parecer um garoto de gangue, faz parte do sapateado, é poeta... E disse tudo isso para a senhorita Carolina... Tudo que ele queria era que fosse em publicadas coisas sobre o sapateado, o filosofanço, do qual ele faz parte... E pediu encarecidamente que não publicassem nada dele falando sobre a violência... Mas foi o mesmo que pedir o contrário. E eu que achava que só as mães tinham essa capacidade de só ouvir parte ruim do que a gente fala... "Mãe, eu tirei dez em todas as provas, mas tirei zero em educação física..." "O que? você tirou zero?" Como eu havia dito para a Carolina, sonho em entrar na Faculdade de Comunicação da UnB... Gosto e pratico Jornalismo... Até dei o cartão do meu blog para ela (aposto minha vida como ela nem sequer entrou)... Um carola... Mas depois disso tudo, minha fé no Jornalismo foi abalada... Não sei se quero fazer parte dessa corja de sensacionalistas sem criatividade... Sinceramente, violência urbana é um tema esgotado e demodé... Além de ser estigmatizante e destrutivo para a auto-estima de uma sociedade... E pouco eficiente... Com essa reportagem, vocês conseguiram levantar uma cidade contra vocês e matar um jornalista antes mesmo de nascer... Parabéns...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora da pesquisa era entender de que maneira os jovens de São Sebastião retratavam a realidade local, por meio do *fanzine Radical News* e do movimento *Radicais Livres*. Durante a pesquisa, o método da análise do discurso nos auxiliou na obtenção dos resultados.

Em primeiro lugar observou-se tanto por intermédio da análise de discurso das edições do *fanzine*, como por meio de entrevistas com as pessoas envolvidas no projeto, que situações cotidianas são a principal inspiração para criação do *Radical News*, como exemplo a edição de junho (Figura C), em que a reportagem de capa foi uma discussão sobre a mentira no dia-a-dia. No caso, foram apresentadas diversas situações em que mentiras absurdas foram contatadas e que esta característica é intrínseca ao ser humano, que a usa sem parcimônia em seu cotidiano.

Este método, de usar as situações diárias como inspiração para arte e jornalismo, funciona como um bacamarte contra a violência e a segregação social. Eles se utilizam desses recursos para criar uma imagem positiva da cidade e trazer uma nova realidade e novas informações à sua comunidade.

Foi possível perceber também que jovens integrantes do grupo e colaboradores do *fanzine* se preocupam com a imagem da cidade onde moram. Na edição de agosto (Figura D), os *Radicais* tiveram a preocupação de dar uma resposta ao programa da TV Globo, Profissão Repórter - que mostrou uma imagem negativa da cidade, ressaltando as guerras entre as guangues. Nesta edição, apresentaram os aspectos positivos da cidade que não foram apresentados no programa. .

O grande feito do *Radical News* é que ele funciona como uma vitrine, que mostra aos moradores de São Sebastião outra visão, que não aquela retratada pela grande mídia. O grupo se preocupa com a consolidação de sua identidade, eles se afirmam como moradores pobres e da periferia, mas que tem a arte, o conhecimento, e a vontade de mudança como armas. Eles valorizam cada qualidade de sua cidade e se preocupam com a auto-estima dos cidadãos.

Os *Radicais Livres - Sociedade Anônima*, não é um movimento anônimo, eles representam São Sebastião, são a força, a voz e a resistência.

“Não somos nós que temos que ir ao Plano Piloto, é Plano Piloto que deve vir a nós”, Cristiano Silva, Editor do *Fanzine Radical News*.

ANEXOS

FIGURA A – MARÇO



Radical News e Radicais Livres comemoram seis Anos!!!

A Associação Sociocultural Radicais Livres, juntamente com este **Suplemento Cultural Radical News**, comemoram nesse mês de março, seis anos de transformação social em São Sebastião.

Para uma instituição que surgiu em um barraco de fundo de quintal, percebemos que estamos caminhando certo. Foram muitas lutas, muitos Saraus feitos sem verbas, muitas impressões de Radical News feitas com recursos próprios, mas ao mesmo tempo, muita satisfação de todos os integrantes que fazem dos Radicais, realmente Livres.

Muito temos que percorrer ainda, com seis anos somos apenas uma criança. Precoce devo acrescentar, mas ainda sim, criança.

Parabéns aos **Radicais Livres** pelo papel que vêm fazendo no Distrito Federal e parabéns **Radical News** por ter se tornado a principal forma de comunicação e disseminação da cultura de periferia.



Radicais Livres em projeto que busca a paz no Itapoã



A Associação Radicais Livres Sociedade Anônima é uma das responsáveis por transformar um lugar que hoje é visto com maus olhos e preconceito por todo o DF através do Expressa Periferia! Em parceria com o Ministério da Justiça, o grupo são sebastianense pretende levar uma cultura de paz e de valorização a todos os moradores do Itapoã. “Um dos objetivos é acabar com o “status” que a cidade tem de violenta, e resgatar talentos ainda escondidos nas ruas e becos da cidade. Algo semelhante ao que aconteceu com nós aqui em São Sebastião” diz Júlio César, coordenador do projeto.

Fig. 11

Acessem:
<http://radicaislivressa.blogspot.com>
<http://edissemario.blogspot.com>
<http://saulomadrigal.blogspot.com>
<http://http://dennyppps.blogspot.com>
<http://poetadiogoramalho.blogspot.com>

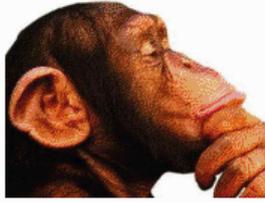


Em evento super badalado, Gina, a Miss Baranga 2008 (foto), passa a faixa para a campeã 2009, Gisele Bucho.

E veja mais: Super Sarau, Radical Rock e Diga How. Projetos dos Radicais

FIGURA B - MAIO

Distribuição gratuita



Radical News

Maio de 2009

Antes que o homem vire macaco.

Ano XXIV 35ª edição



Como surgiu o dia do Trabalhador

1º de Maio, dia do trabalhador

Em maio de 1886, foi realizada uma manifestação de trabalhadores nas ruas de Chicago nos Estados Unidos com a finalidade de reivindicar a redução da jornada de trabalho de 16 para 8 horas diárias. Esta manifestação culminou com a morte de alguns manifestantes. No dia 4 de maio uma nova manifestação foi organizada como protesto pelos acontecimentos dos dias anteriores, no conflito morreram sete agentes policiais e doze manifestantes.

Três anos mais tarde, passa a ser convocada anualmente, uma manifestação com o objetivo de lutar pelas 8 horas de trabalho diário em Paris. Em 23 de abril de 1919 o senado francês ratifica o dia em 8 horas de trabalho e proclama o dia 1 de Maio desse ano feriado. A data foi escolhida como homenagem aos mortos em Chicago. Em 1920 a Rússia adota o 1º de Maio como feriado nacional, e este exemplo é seguido por muitos outros países.

Por Diogo Ramalho

Dia 1º de Maio, dia do trabalhador. Em todo país vemos sindicatos comemorando suas "conquistas", realizando grandes festas e sorteio de prêmios valiosos, mas enquanto um ou outro ganha carro de brinde, milhões de outros trabalhadores ficam a ver navios. Não pense caro leitor que venho aqui falar que a culpa é do governo e dos grandes empresários. Então a culpa é de quem? A culpa é de todos nós que deixamos nosso país chegar a esse ponto através do comodismo social, aceitando os benefícios duvidosos do nosso bom e velho jeitinho brasileiro que faz com que nós (brasileiros) sejamos tão "bem vistos" no exterior.

Nesse dia em que se comemora o dia do trabalhador vemos milhares de pais de família que não tem o que comemorar, muito pelo contrário o feriado é um dia que os vários Josés, Raimundos, Marias e muitos outros ficam em casa sem poder procurar emprego.

Em um país de dimensões continentais é quase difícil de crer que se tenha tanta gente desempregada, mas "yes, nós temos empregos!" Onde estão? Em todos os lugares, em vários setores, o real motivo da taxa elevada de desemprego é a falta de qualificação de nossa população.

De que adianta ter gente, mas não ter qualificação?

Nosso sistema educacional não transforma nossos jovens em pessoas capacitadas para o mercado de trabalho, muito menos estimulam o ingresso à universidade, salvo as particulares que

fizeram do vestibular uma forma de marketing. O sistema de ensino atual poda a criatividade de nossas crianças e jovens, aí começa a contradição, pois o mercado de trabalho "pede" pessoas criativas. O que podemos perceber é que as pessoas de baixa renda que visam uma formação acadêmica acabam ingressando em faculdades particulares (nada contra universidades particulares), graças a programas imediatistas como o PROUNI, enquanto os alunos das escolas particulares ingressam nas universidades públicas, muitos meramente por status.

O dia 1º de Maio é dia de comemorar sim, mas para que o dia do trabalhador seja realmente uma data de celebrar conquistas não pensemos apenas nos trabalhadores que aí estão, pensemos também, nos trabalhadores que ainda estão por vir.



FIGURA C – JUNHO



Homens ou macacos?

Volume XXVI,

24ª edição

Junho, 2009

"Querida, eu juro que não era eu."

"Não, não, eu estava passando por acaso. Você acha que eu fico rondando a sua casa o dia inteiro, é?"

Começa na infância. E a primeira vítima é a mãe. Depois vêm as namoradas, a esposa, a sogra, a amante, os amigos, o chefe. E se torna um comportamento compulsivo. Muitas vezes lançamos mão delas para evitar algum tipo de constrangimento ou para escapar de broncas, outras pela terrível necessidade de não magoar os outros, ou até mesmo por mera brincadeira. Não tem como escapar — as mentiras vão sempre e estar presentes no cotidiano do ser humano. E se muitas vezes são mentiras inocentes, sem maiores conseqüências, em outras situações elas assumem dimensões gravíssimas e podem levar a um desfecho trágico. (trecho extraído do livro "As mentiras que os homens contam" de Luz Fernando Verissimo.

Cada vez mais essa prática tem sido maior. Sobretudo em um país onde "pra tudo se dá um jeito!", "é só uma mentirinha, não vai prejudicar ninguém". Em um país onde os políticos cada vez mente mais para os que os colocaram no poder. Ainda vivemos e vivemos bem com a síndrome do Pinóquio, que já faz parte da cultura brasileira. Então, quando vemos que outras culturas também exercem o pinóquismo, nos sentimos menos mentirosos.

E foi pensando em lhes proporcionar essa sensação de não sermos os únicos mentirosos do mundo, que o Suplemento Cultural Radical News selecionou pra você, incrível leitor, uma série de casos mentirosos e fraudulentos fora da terra da pilantragem.

Um homem foi preso nos Estados Unidos por se fazer passar pela mãe, morta em 2003, para receber cerca de R\$ 228 mil reais em pensão e outros benefícios. Segundo promotores de Nova York, o acusado, Thomas Prusik-Parkin, de 49 anos, fingia ser a própria mãe, Irene Prusik, desde que ela morreu, aos 73 anos. Ele usava uma peruca, vestido, maquiagem, uma bengala e uma falsa carteira de identidade. O mais interessante foi a justificativa que o Pinóquio norte-americano deu: "Eu segurei minha mãe quando ela estava morrendo e respirei seu último suspiro, então, eu sou minha mãe". O caso me faz lembrar Norman Bates, o assassino do filme do suspense *Piscose*, que fingia se a mãe morta para matar pessoas.

Wendy Brown, uma mãe de 33 anos, se passou pela filha para estudar no colegial e ser líder de torcida em Green Bay (Wisconsin, EUA), usou o documento de identificação da garota de 15 anos para estudar no colégio Ashwaubenon. A jovem mora em Nevada com sua avó, mãe de Wendy.

"Ela queria pegar um diploma de conclusão do colegial e também ser líder de torcida. A mulher alega que não teve infância e gostaria de recuperar algumas partes de sua vida", afirmaram autoridades envolvidas no caso. Wendy chegou a participar de treinos antes do início das aulas, recebeu um armário das líderes de torcida e participou de uma festa na casa do técnico das garotas. O cheque de US\$ 134,5, que ela deu para comprar o tradicional uniforme de líder, voltou.

Funcionários da escola admitiram que ela parecia ser mais velha que as outras estudantes, mas seu com-

portamento estava compatível com a idade das adolescentes.

Estão vendo mulheres, não é só plástica que rejuvenesce. Atitudes como essa também.

Lorelei Corpuz, uma mulher de 30 anos fingiu ser um rapaz de 17 para namorar uma menina de 14 anos, nos Estados Unidos. Segundo a vítima, as duas se conheceram há dois anos em um centro comercial. A mulher se apresentou como Mark Villanueva, um rapaz de 17 anos, e relatou a ela que sua mãe tinha morrido de câncer e seu pai tinha se suicidado. A família da vítima se comoveu com a trajetória de Mark e o convidou para morar em sua casa. Lá, Corpuz ficou por um ano sem que ninguém suspeitasse de sua real identidade. A vítima afirmou que Corpuz a molestou, agrediu e mordeu, mas disse que a mulher nunca mostrou suas partes íntimas durante os atos. Corpuz recebeu duas acusações por estupro e uma por molestar uma criança. A fiança foi fixada em US\$ 150 mil.

Comparado a essas pessoas Gepeto sentiria orgulho de seu "filho".

Para quem quer saber mais sobre mentiras vai aí uma sugestão. Leiam:

PINÓQUIO, de Carlo Collodi.

AS MENTIRAS QUE OS HOMENS CONTAM, de Luiz Fernando Verissimo.



FIGURA D – AGOSTO



Volume XXVI,

24ª edição

Agosto, 2009

CONTRA O SENSACIONALISMO

DAS GRANDES MÍDIAS.



UM ESPAÇO

PARA A ARTE

ESCRITA

Acessem:

<http://radicaislivressa.blogspot.com>

<http://edissemario.blogspot.com>

<http://saulomadrigal.blogspot.com>

<http://http://dennyppps.blogspot.com>

<http://poetadiogoramalho.blogspot.com>

<http://desaltoalto15.blogspot.com/>



REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Márcia. A. *Juventude e representações simbólicas em jornais comunitários de Porto Alegre*, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST28/Marcia_Almeida_Anselmo_28.pdf. Acesso: 20. out. 2009.
- BECKER, Howard. *A Escola de Chicago*, 1996 Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=A+escola+de+Chicago&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=>. Acesso em: 28. Nov. 2009
- DAYERELL, Juarez (a). *O jovem como sujeito social*, 2006. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 15. out. 2009.
- DAYRELL, Juarez (b). *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>. Acesso em: 09. set. 2009.
- MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. 2^o edição. São Paulo: Parábola Editoria, 2006.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Editora Pontes, 1999.
- PAIS, José. M. *A construção sociológica da juventude*, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 10. ago. 2009.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. *Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária*, 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia+Peruzzo+.pdf>. Acesso em: 01.set. 2009.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. 2^o edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 302.
- SPOSITO, Marília. P. *Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação*, 1999. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_06_MARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf. Acesso em: 01. set. 2009.
- ZAVAM, Aurea. *Fanzine: A Plurivalência Paratópica*, 2006. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0601/0601.pdf#page=9>. Acesso em :18. Ago. 2009